



editora abril

lauda

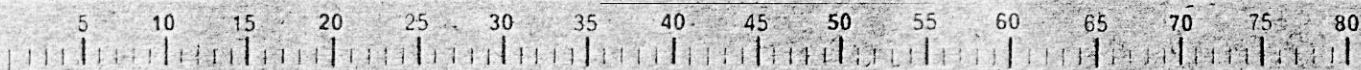
revista/n°	matéria	página	visto
	repórter/redator		

	5	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80
1																
2																
3																
4																
5																
6																
7																
8																
9																
10																
11																
12																
13																
14																
15																
16																
17																
18																
19																
20																

PAUTA PARA UM LIVRO SOBRE O IDEÁRIO
E A VIDA POLÍTICA DE MÁRIO COVAS.

Janeiro de 86,

revista/n°	materia	pagina	visio
	reporter/redator		



O livro será dividido em dois grandes capítulos:

I - AS IDÉIAS.

Aqui se mostra o pensamento político de MC. Ele está contido em discursos, pronunciamentos, entrevistas. Vamos recolher trechos relacionados com os mais variados temas, tais como: democracia, movimentos sociais, participação popular, partidos políticos, reforma agrária, organização social e econômica do Brasil, direitos individuais, gestão da coisa pública, Justiça, Liberdade, interesse público, etc.

Os trechos escolhidos devem ser identificados com data, local e se possível as circunstâncias em que aconteceram. Na edição pode-se optar por uma de três formas:

- a) - Pela ordem alfabética. Uma espécie de MC de A a Z; o inconveniente desta opção é ter-se o A de Anistia e faltar o Z de...
- b) - Pela ordem cronológica. Os trechos seriam selecionados simplesmente em função da evolução dos acontecimentos através do tempo, tal como se fará com o Capítulo II. Tem a vantagem de "acompanhar" a narrativa do Capítulo seguinte e tem a desvantagem de tornar-se, por isso mesmo, excessivamente esquemático; além do que, pouco original.
- c) - Por área de assuntos. Parece a forma mais lógica de edição. Democracia fica melhor próximo de Participação Popular, Liberdade é irmã gêmea de Justiça. Sugere-se a terceira opção.





revista/n.º	materia	página	visto
	repórter/redator		

5 10 15 20 25 30 35 40 45 50 55 60 65 70 75 80

1 II - A TRAJETÓRIA.

2 Neste capítulo mostra-se a ação política de MC; no capítulo an-
3 terior, ficou claro o que MC pensa e diz, enquanto neste revela
4 se o que fez e faz. A intenção é evidente: mostrar que a ação
5 política é coerente com a pregação.

6 A trajetória será melhor entendida pelo leitor se for editada
7 de forma cronológica - e tem a vantagem adicional de valer por
8 uma biografia política. Haverá tópicos, como o item Cassação,
9 que ensejarão incursões pela vida pessoal.

10 A narrativa cronológica não impede recuos no passado que infor-
11 mam o presente, como se verá adiante; e permite, subsidiariamen-
12 te, que cada item seja enriquecido por informações paralelas
13 que, isoladamente, não mereceriam um item próprio. É o que acon-
14 tece, por exemplo, logo com o primeiro item.

15 1 - MC bom de voto. Aqui se resgata o início da carreira políti-
16 ca e a primeira eleição - para prefeito de Santos. Votação
17 expressiva, apesar do segundo lugar, dada a circunstância
18 de que a candidatura foi lançada "em cima da hera". Cabe uma
19 breve explicação sobre o quadro político da época - a pela-
20 rização adhemarismo x janismo - e a presença dos pequenos
partidos na cena política brasileira. Dois anos depois, a e-
leição para deputado federal e, após quatro anos, a reelei-
ção. Passados dezesseis anos, a votação consagradora. Dar
todos os números desses eventos eleitorais.

revista/n°	materia	pagina	visto
	repórter/redator		

5 10 15 20 25 30 35 40 45 50 55 60 65 70 75 80

1 **2 - MC na Câmara dos Deputados.** Foi ali que MC aprendeu a conhe-
 2 cer o Brasil e a entender mais claramente a sua realidade.
 3 Sua trajetória no Parlamento é no mínimo brilhante. Eleito
 4 em 62 por um pequeno partido, o PST, logo se impôs perante a
 5 Casa por sua atuação séria, coerente e dedicada. Num primei-
 6 ro momento resgatou compromissos assumidos em campanha com
 7 problemas localizados em sua base eleitoral, a Baixada San-
 8 tista. Sem abandonar esta que foi uma característica de toda
 9 a sua vida parlamentar - a de representar seus eleitores -,
 10 revelou-se hábil articulador, dotado de uma cada vez mais
 11 crescente capacidade de liderança. Sua participação é funda-
 12 mental na organização de um bloco parlamentar formado pelos
 13 pequenos partidos e sua atuação começa a chamar a atenção de
 14 parlamentares veteranos e experientes - MC tinha apenas 32 a-
 15 nos -, dos quais recebe respeito e admiração. Com pouco mais
 16 de 1 ano de mandato, MC visita o Leste Europeu e é surpreen-
 17 dido, fora do País, com o golpe de 64. Volta e se filia às
 18 forças democráticas que resistem ao arbítrio. MC participou
 19 de todos os episódios do Congresso Nacional neste período que
 20 teve como marcos a eleição de Castello Branco, o AI-2, o cer-
 ce ao Congresso pelas tropas do general Meira Mattos, a ex-
 tinção dos partidos. Reeleito em 66, já pelo MDB, é no ano
 seguinte eleito por unanimidade - o concorrente Oswaldo Lima
 Filho retirou a candidatura - líder da bancada do único par-
 tido de oposição ao regime. Entre seus liderados, figuras co-

revista/n°	materia	pagina	visto
	repórter/redator		

5 10 15 20 25 30 35 40 45 50 55 60 65 70 75 80

1 mo Tancredo Neves, Ulysses Guimarães, Franco Montoro, Ivete
 2 Vargas, José Richa, Chagas Freitas, Amauri Kruehl, Adhemar de
 3 Barros Filho, Bernardo Cabral, Gastone Righi, David Lerer,
 4 Hermano Alves e o injustamente célebre Márcio Moreira Alves.
 5 Os acontecimentos vividos pelo país entre abril de 64 e de -
 6 zembro de 68 foram vividos intensamente pelo Congresso Nacio-
 7 nal e neles MC teve sempre atuação decisiva. Não se deve, po-
 8 rém, agrupar todos esses acontecimentos neste item, sob pena
 9 de sacrificar outros, que merecem figurar à parte. Mas, no e-
 10 pisódio Marcio Moreira Alves, é preciso ficar bem explicada
 11 a lógica do processo. Os militares jogaram o tempo todo na
 12 direção do fechamento, forçando uma escalada que desaguarda
 13 no AI-5. MC conduziu sua bancada - e parte da bancada do par-
 14 tido de governo - na direção de encontrar uma saída política
 15 para a crise. A estratégia de MC consistia em jogar a decisão
 16 - a votação do pedido de licença para MMA ser processado -
 17 para o recesso parlamentar, ganhando tempo para uma solução
 18 negociada; os militares, ao contrário, precipitaram os acon-
 19 tecimentos e forçaram o confronto. O momento crucial da cri-
 20 se é aquele em que o Executivo convoca extraordinariamente
 o Congresso para que este vote o pedido de licença durante o
 recesso. A participação de MC nesse episódio é o ponto alto
 de sua carreira parlamentar. Atenção: não pode faltar neste
 item o fato de que, durante todos os seis anos em que esteve
 no exercício do mandato, de 63 a 68, MC foi incluído nas lis-
 tas dos "Dez Melhores Deputados do Ano", organizadas pelos



revista/nº	materia	pagina	visto
	repórter/redator		

1 jornalista s do Comitê de Imprensa da Câmara dos Deputados.

2 3 - MC e o Partido. MC iniciou seu primeiro mandato de deputado
3 federal, eleito pelo PST, em fevereiro de 63. Pouco mais de do
4 is anos depois, este e todos os demais partidos foram extin-
5 tos e então MC tornou-se um dos fundadores do MDB. Aí começa
6 uma longa história que chega aos dias de hoje. Uma história
7 de coragem, de coerência, de dedicação, de muito trabalho.

8 MC viajou pelo Brasil ajudando a reunir pessoas em torno do
9 novo partido numa época em que a maioria tinha medo de se fi-
10 liar à oposição. Tornou-se líder do partido na Câmara e, nes-
11 ta condição, ajudou a articular a Frente Ampla. Atingido pe-
12 la cassação do mandato e pela suspensão dos direitos políti-
13 cos, nunca se afastou totalmente da vida partidária. Pedroso
14 Horta o procurava frequentemente, idem Ulysses Guimarães. Em
15 78, ainda no período de cassação, participou ativamente da
16 campanha eleitoral, particularmente da candidatura do profes-
17 sor Fernando Henrique Cardoso ao Senado. No dia 16 de janei-
18 ro de 7, quando se completavam dez anos de cassação, rece-
19 beu a homenagem de todo o MDB - de Ulysses Guimarães a Fran-
20 co Monteiro; de Thales Ramalho a Paulo Brossard, presentes de
putados federais e estaduais, vereadores e prefeitos e nume-
rosos grupos representativos da base partidária. Nesta noite
MC fez um discurso de estadista - e saiu dali virtualmente
escolhido novo presidente do MDB/SP, o que aconteceria sete
meses mais tarde. Com MC na presidência do Diretório Region



revista/n°	materia	pagina	visto
	repórter/redator		

5 10 15 20 25 30 35 40 45 50 55 60 65 70 75 80

1 nal • MDB ganha nova feição e maior respeitabilidade - mas,
2 tres meses depois, o partido é extinto. Forma-se então a co-
3 missão provisória do diretório regional do sucedâneo do MDB,
4 o PMDB, e MC é mantido na presidência. Começa - janeiro de
5 80 - a árdua tarefa de organizar o partido em todo o Estado.
6 A lei faculta à direção estadual a prerrogativa de nomear as
7 comissões provisórias municipais e distritais da Capital,
8 mas MC não usa esse instrumento. Ao contrário, inicia uma pe-
9 grinação por todo o Estado, reunindo companheiros, debaten-
10 do com eles as idéias que informam a criação de um PMDB de
11 baixo para cima, a partir de suas bases, procurando como di-
12 rigente maior garantir a participação de todos os setores in-
13 teressados em juntar forças nessa nova empresa. Sucedem-se
14 dezenas de viagens e outro tanto de reuniões graças aos qua-
15 is começa a surgir o PMDB de São Paulo. O partido não tinha
16 sede e por isso suas reuniões aconteciam ora na casa de MC,
17 ora na empresa onde trabalhava, e posteriormente em seu es-
18 critório político da alameda Santos. Formado em todo o Esta-
19 do, o PMDB elege diretórios municipais e distritais definiti-
20 vos e, na etapa seguinte, MC é novamente eleito para presidir
 o diretório regional. Ocupa esta função até meados de 82,
 quando preside a memorável convenção de 20 de junho - e que
 merece um destaque especial neste item. Candidato a deputado
 federal, licencia-se do cargo. Em maio do ano seguinte assu-

revista/n°	matéria	pagina	visto
	repórter/redator		

1 me o cargo de prefeito do Município de São Paulo e se dedica
2 até dezembro de 85 à aplicação, na administração da cidade,
3 do programa do seu partido. A começar pelas "Diretrizes de
4 Governo", lançadas em agosto de 83, toda a gestão MC na Pre-
5 feitura foi de estrito cumprimento dos postulados programáti-
cos do PMDB - e isso merece o devido destaque no texto.

6 4 - MC, prefeito com o povo. O item anterior dá passagem natu-
7 ral para este, que mostra a atuação de MC à frente da Prefei-
8 tura do Município de São Paulo. Além do conjunto de suas re-
9 realizações, que visaram a encurtar as distâncias sociais da
10 cidade, merecem destaque algumas decisões que mostram a coe-
11 rência entre a ação e a pregação. Por exemplo, não pôr seu
12 nome nas placas de obras - e nem mesmo o da Prefeitura, mas
13 o da Cidade de São Paulo, convencido de que toda e qualquer
14 realização é resultado do esforço da cidade - e, portanto,
15 de cada cidadão. Neste item, além dos obrigatórios números a
16 respeito de pavimentação, construção de creches, escolas,
17 postos de assistência médica, hospitais, etc., ganha desta-
18 que a organização dos mutirões e seu sentido político - tal-
19 vez a definitiva marca de MC em sua passagem pela Prefeitura.
20 Mas, não podem ficar de fora a intervenção nas empresas par-
ticulares de ônibus, o passe de idoso, a reformulação de car-
reiras do funcionalismo público, a instituição de concursos,
a moralização da gestão pública - merenda escolar, contratos
de serviços, etc. Neste item a pauta é muito ampla e fica a
critério dos editores a sua delimitação.

revista/n°	matéria	página	visto
	repórter/redator		

5 - MC e os movimentos sociais. Neste item se agrupam todas as ações de MC ligadas aos movimentos sociais organizados da sociedade, bem como de movimentos populares que eclodiram nos últimos 35 anos. Sugere-se:

a) - movimento estudantil. A ligação de MC com o movimento estudantil remonta ao início dos anos 50, quando era estudante e participou ativamente da UEE e da UNE e participou da campanha O Petróleo é Nosso. Mais tarde, já como deputado, manteve-se fiel às origens, apoiando o movimento estudantil na década de 60. Hospedou líderes estudantis como Honestino Guimarães e sua namorada Isaurinha em seu apartamento de Brasília, com toda a polícia à procura dos dois. A Regina conhece detalhes e pode reconstituir episódios. Em São Paulo, MC também esteve sempre solidário com os estudantes, reunindo-se com eles para dar seu apoio e, o que é importante, sem nunca interferir em suas decisões. O então estudante da Filosofia e hoje professor Remo Ferverini - Colégio Equipe - é testemunha desta época.

b) - movimento sindical. Na origem da carreira política de MC está sua ligação com os sindicatos operários da Baixada Santista. Vários deles apoiaram sua candidatura a prefeito e, posteriormente, a deputado. Em várias ocasiões, MC foi a única voz a defender - no Parlamento e fora dele - os interesses das massas trabalhadoras massacradas pela ditadura nascente em abril de 64.

revista/nº	materia	pagina	visto
	repórter/redator		

5 10 15 20 25 30 35 40 45 50 55 60 65 70 75 80

1 c) - meio artístico. Como todos os setores responsáveis da
 2 sociedade, os artistas sentiram de perto, e na carne, a
 3 repressão à livre manifestação de pensamento, antes mes-
 4 mo da edição do AI-5. Episódios como "Roda Viva" e "Fei-
 5 ra Paulista de Opinião" tiveram sempre a presença soli-
 6 dária e a ação firme do deputado MC.

6 d) - MC e a campanha da Anistia.

7 e) - MC e a campanha das Diretas.

7 6 - A cassação. Episódio que o próprio MC evita comentar apenas
 8 por não considerá-lo relevante; ou, para não parecer um tro-
 9 féu, um diploma de mártir. Acontece que hoje, olhos postos na
 10 história recente do Brasil, a cassação é sim um troféu e re-
 11 presentou, sim, uma forma de martírio. Justamente porque MC
 12 quase não fala sobre esse assunto, é importante que o leitor
 13 conheça bem essa história. Quando foi editado o AI-5, no dia
 14 13 de dezembro de 68, saiu uma lista de cassações enorme - e
 15 o nome de MC não estava incluído. Assim, ainda como deputado
 16 federal no pleno gozo de suas prerrogativas e imunidades, foi
 17 preso em uma unidade do Exército em Brasília, sendo liberta-
 18 do às vésperas do Natal. Prestou depoimento na prisão e esse
 19 depoimento é uma peça de coragem e de patriotismo; não está
 20 em nenhum documento disponível, mas permanece na memória de
 MC. Posto em liberdade, MC viajou para Santos, enfiou-se den-
 tro de casa e ali permaneceu "com vergonha de pôr a cara na
 rua". Essa vergonha, brotada do seu caráter, ligava-se ao fa

revista/n°	matéria	pagina	visto
	repórter/redator		

5 10 15 20 25 30 35 40 45 50 55 60 65 70 75 80

1 to de subordinados seus terem sido cassados, e ele, não. "Com
 2 que palavras eu vou explicar a alguém que não fui cassado"?,
 3 indagava de si próprio. Na noite de 16 de janeiro de 6 , a
 4 "Voz do Brasil" anuncia uma nova lista de cassados - e MC,
 5 desta vez incluído, respira aliviado. Começa aí um período di-
 6 fícil. MC abre em Santos uma pequena empresa voltada para im-
 7 portação e exportação que leva duas sílabas do seu nome - Ma-
 8 ce - e, mal começa a operar - março de 6 - é preso novamen-
 9 te, desta vez por oficiais da Aeronáutica à paisana. É leva-
 10 do para a Base Aérea de Cumbica, onde permanece preso 11 di-
 11 as na condição - que só soube no último dia, quando prestou
 12 depoimento - de testemunha do IPM que apurava as ações do Pa-
 13 ra-SAR, por ele denunciadas da tribuna da Câmara dos Deputa-
 14 dos. Solto e de volta à sua atividade em Santos, é surpreen-
 15 dido por uma decisão do governo que impede cassados de opera-
 16 rem com o Banco do Brasil - o que, inevitavelmente, tem re-
 17 flexos nas operações com bancos particulares. Um dos aspec-
 18 tos mais odiosos das cassações era que elas não privavam suas
 19 vítimas apenas da atividade política, mas cerceavam também o
 20 seu direito de trabalhar. Virtualmente proibido de ser empre-
 sário, MC muda-se para São Paulo em 74 para trabalhar na sua
 profissão de engenheiro na empresa Codrasa. Dois anos depois,
 convidado por amigos, foi ganhar a vida trabalhando na empre-
 sa Ductor, uma espécie de cooperativa de engenheiros formada
 por contemporâneos seus da Escola Politécnica da USP. Imper-

revista/n°	matéria	página	visto
	reporter/redator		

1 tante lembrar que houve eleições em novembro de 78, dois me-
 2 ses antes de vencer o período de cassação de MC - o que o dei-
 3 xou à margem do processo eleitoral por mais quatro anos, só
 4 reconquistando o direito de ser candidato em 82. Foram, na
 5 prática, não apenas 10, mas 14 anos de cassação.

6 -----: : : : :-----

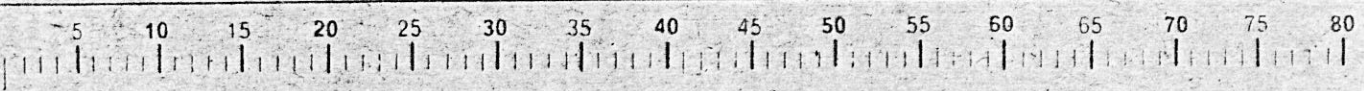
7 No Capítulo II - TRAJETÓRIA -, que ocupa a segunda parte do livro,
 8 podem ser editados alguns depoimentos, como os que se sugere:

- 9 1 - José Richa - sobre MC deputado.
- 10 2 - Marcio Moreira Alves - sobre o episódio que leva seu nome.
- 11 3 - Renato Archer - sobre a formação da Frente Ampla.
- 12 4 - Franco Montoro - sobre MC e o surgimento do MDB.
- 13 5 - Fernando Henrique Cardoso - sobre MC e a campanha de 78.
- 14 6 - Alberto Goldman - sobre MC e a formação do PMDB.
- 15 7 - Waldemar Chubaci - sobre MC enquanto prefeito do PMDB.
- 16 8 - Maurilio Laterza - MC, engenheiro colega de trabalho na Codrasa.
 - Flamarion Morsi, jornalista - Por que MC foi durante seis anos
 incluído na lista dos Dez Melhores Deputados".
- 17 10 - Vitelbino Ferreira de Souza, ex-presidente do Fórum Sindical de
 Debates de Santos - MC e o movimento sindical.

18 -----: : : : :-----



revista/n°	materia	pagina	visto
	repórter/redator		



1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20

Constam ainda do livro:

- 1 - Contracapa promocional com foto de MC e texto que estimule a leitura.
- 2 Orelha com resumo do conteúdo.
- 3 - Prefácio escrito pelo deputado Ulysses Guimarães.
- 4 - Entre o Capítulo I, AS IDÉIAS, e o Capítulo II, A TRAJETÓRIA, fotos de MC que cobrem o período da candidatura a prefeito de Santos ao exercício do cargo de prefeito de São Paulo.
- 5 - Dados biográficos: nascimento, filiação, família, escolaridade.

